

LITERATURA MARGINAL E PERIFÉRICA A OUTRA MARGEM: “HERESIA” DJONGA

Klissia Leite de Oliveira¹, Maria Carla da Silva Pereira², Carlos Geraldo
Mossman Junior³, Francisca Carolina Lima da Silva⁴

RESUMO:

A literatura marginal e periférica com o decorrer do tempo tem tido um aumento no seu repertório, e também recebido uma atenção maior, o que de forma positiva traz mais atenção para as causas sociais que ela projeta. Dessa forma, este trabalho objetiva, no contexto acadêmico, discutir o alcance e mudanças que essa literatura oportuniza, em função de a universidade ser um dos ambientes de luta para as classes menos favorecidas, que buscam se desenvolver, aprimorar e compartilhar suas vivências como forma de reivindicar seu lugar e voz na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Marginal; Representatividade; Artista; Periferia.

INTRODUÇÃO

Pensar o lugar da literatura Marginal no contexto da literatura brasileira abre-se a inúmeras possibilidades de aplicação que a categoria pode oferecer em confronto com a prática literária. Essa marca da literatura, enquanto marginal e periférica, pode parecer estranha a uma literatura que, historicamente, foi um privilégio das elites letradas e das classes médias.⁵ No entanto, seja pela necessidade de tematizar o sujeito nacional – identificado na construção de um *povo* característico que o encarnaria –, seja pela necessidade da crítica diante da permanência da desigualdade, ou ainda pela vitalidade da produção popular, para a qual a academia vem, faz algum tempo, abrindo seus olhos, o problema da valorização dessas literaturas, assim como sua inserção na academia e nas escolas é complexo, e merece consideração atenta.

Assim, cabe observar o que se poderia compreender sob a expressão “literatura marginal/periférica no Brasil”: a partir de sua acepção artística, “marginais são as produções que afrontam o cânone, rompendo com as normas e os paradigmas

¹ Universidade Regional do Cariri, e-mail: Klissia.oliveira@urca.br

² Universidade Regional do Cariri, e-mail: mcarla.silva@urca.br

³ Universidade Regional do Cariri, e-mail: carlos.mossmann@urca.br

⁴ Universidade Regional do Cariri, e-mail: carolina.silva@urca.br

⁵ CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. *A educação pela noite*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p. 169-196.

estéticos vigentes” (OLIVEIRA, 2011, p. 31). Marcadas pelas produções literárias do Brasil contemporâneo, originadas nos espaços da neofavela⁶, os textos transpassados por essa categorização trazem à tona uma nova forma de perspectivar o mundo e produzir identidades, sob o prisma de sua condição periférica, condicionada à margem, o que significa dizer que tais escritos são situados na relação com o modelo hegemônico, mas necessariamente em confronto com ele, e produzem uma postura pautada na coletividade, na união dos povos periféricos na constituição de um novo discurso, oriundo, agora, do seu lugar de voz, conforme explicita o escritor marginal Ferréz (2005).

Desse modo, mais do que definir o que seriam, *para a literatura*, as classes periféricas/marginais, talvez seja necessário partir para a própria aferição de suas manifestações empíricas, das quais poderia derivar uma noção mais unitária, embora potencial e necessariamente *diversa*. Nesse sentido, estudar a literatura Marginal/periférica em nosso contexto seria buscar relações com nossa própria existência, pensando nosso lugar de voz e de representação no âmbito do sistema literário e cultural.

Desde de sua origem, portanto, a literatura marginal e periférica surge como meio de dar voz às classes menos favorecidas, que por muito tempo tiveram seu lugar de fala negado ou minimizado pelas elites. Hoje, existem no meio artístico da escrita, composição e musicalidade pessoas que superaram as condições impostas a elas, e que são capazes de dividir com a sociedade o sentimento de enfrentamento, ao ponto de ressignificar seus medos e experiências. É nesse contexto que emerge Djonga, compositor e rapper nacional, que tem ganhado destaque e respeito no cenário musical e literário nacional, exatamente por projetar em suas produções artísticas os preceitos da marginalidade que o compõem e que representam.

OBJETIVO

Esta pesquisa tem como objetivo, portanto, analisar e dar visibilidade a literatura produzida por grupos sociais menos favorecidos, no sentido de pensar como a literatura pode funcionar como espaço de reverberação e amplificação de suas

⁶ Em *Cidade de Deus*, Paulo Lins vale-se do termo “neofavela” para designar a nova configuração da favela, a partir da entrada do tráfico de drogas e do crime organizado: “Aqui agora uma favela, a neofavela de cimento, armada de becos-bocas, sinistros-silêncios, em gritos-desesperos no correr das vielas e na indecisão das encruzilhadas” (LINS, 2002, p. 16).

vozes e discursos. Para tanto, elencamos o rapper e compositor Djonga como artista que representa esse perfil, vindo a analisar algumas letras de sua autoria, à luz do que elas representam e manifestam no contexto da marginalidade, especificamente do seu álbum “Heresia” (2017).

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, recorreremos ao método do levantamento bibliográfico, em que elencamos leituras teóricas, no sentido de compor um itinerário formativo a respeito da literatura marginal e periférica. Além disso, por via da literatura comparada, construímos um diálogo com conceitos sociológicos e históricos, no sentido de promover uma compreensão mais amplificada das obras elencadas para o estudo.

Dessa forma, de maneira objetiva, utilizamos de leituras e debates que proporcionaram uma visão clara sobre todo o aspecto que as produções literárias da literatura marginal podem proporcionar, e buscamos produzir uma reflexão sobre como o que aconteceu no passado ainda influencia o presente. Para tanto, elencamos o álbum “Heresia” (2017), de Djonga.

RESULTADOS

Após o processo de análise e estudo das teorias e da obra, temos como resultado o olhar crítico e empático sobre os aspectos abrangentes dessa literatura, que resiste e se ergue contra preconceitos, estereótipos e opressão. Tais produções recorrem as experiências vivenciais de seus produtores, tendo como temas principais o contexto situacional dos sujeitos que habitam os espaços periféricos.

Em suas músicas, o rapper Gustavo Pereira Marques, conhecido como Djonga, retrata como a formação dessas pessoas é geralmente negligenciada e dificultada, demarcando como esses sujeitos enfrentam problemas reais, como a falta de trabalho, ou mesmo a extrema exploração dele, enquanto outros grupos se rendem ao tráfico e as drogas. Mas suas letras revelam também que nesses espaços há pessoas de caráter, que sofrem de forma cotidiana o medo das autoridades e crimes raciais. Como exemplo desse contexto temos a letra da música que intitula o álbum “Heresia”, que propõe a discussão de tais temas de forma direta e incisiva, como nos é possível observar nos seguintes trechos da canção:

*É o lado leste do mapa, tiro pa caralho, bala pa caralho
Mataram mais um, caralho, esse presunto não é de comer*

*Quem ouviu a história também tá na história
São várias versão da história
Pra que se envolver?*

De início já notamos na letra a representação da violência e a opressão, que desmotiva as pessoas a se defenderem, pois nessa dinâmica periférica, quanto mais dinheiro e menos melanina mais inocente se é. Ele segue:

*E eles correm tipo Paul Walker
Por isso morrem tipo Paul Walker
E, não são os mesmo quando encontram Johnnie Walker
E tem os polícia de stalker
Elas se entregando pra eles
E eles não se entregariam nem se fosse por elas
A morte amola a foice e gira a manivela
Fogem tipo sebo nas canelas
Pele de Mandela, talvez seja o clima quente
Pois são tipo beira mar
Poção tipo, nenhuma vai curar
Não é mágica é maldição*

Aqui, o artista retrata a comunidade periférica negra e pobre como vítima, porém, destemida, pois são sobreviventes, muitos sem esperança de mudança, vivendo como se não pudessem se dar ao luxo de viver. Mas todos estão na mesma situação, não há escapatória, ele utiliza referências culturais e metáforas para ilustrar essa realidade, por exemplo, a menção a Paul Walker simboliza a velocidade e o perigo constante, enquanto a comparação a Johnnie Walker sugere a corrupção e a brutalidade policial.

*De onde viemos não competem o melhor flow
E sim a melhor pontaria
A maioria sai pela culatra, jhow
E até quem não devia pagaria*

Esse trecho fala sobre o rap não se importar apenas com o *Flow*⁷ significa que ele não é apenas sobre o *Beat*⁸, pois é a representação desses grupos, suas letras

⁷ Flow é uma terminologia usada no mundo do rap para designar a maneira como o rapper "encaixa" as palavras e frases no instrumental (beat). Ou seja, é a fluidez com que a letra se encontra com o ritmo, ou o domínio do ritmo da letra de acordo com as batidas da música.

⁸ substantivo masculino da Música Tempo forte do compasso, força motriz característica do jazz, do rock e da música pop.

tem carga, e transmitem o que a sociedade ignora, como por exemplo, os vários casos de balas perdidas nas comunidades periféricas e bairros pobres.

*Os menor não tem natal é tipo Grinch
Se os menor se envoca e tal, e tipo Clinch
Como em Clint Eastwood, fazemos a lei
Aqui somos a lei*

*Pegando a visão
Pra passar a visão
Eu sou a cara do jogo
Quem tá contra tá mandado
Não passarão
Pegando a visão
Pra passar a visão
Não me provoque eu sou o fogo
Não me provoque ou os aliados atirarão*

Desde cedo a realidade difícil transforma a infância dos jovens que vivem nesse meio, alguns indivíduos não tem escolha, e para se proteger se unem e se defendem como podem. Para continuar enfrentando a realidade, esses sujeitos se unem a facções, em busca de alguma forma de justiça para o povo, pois elas advogam, de forma bastante controversa, em defesa da comunidade, e de forma violenta buscam trazer a ordem.

*O baile é foda, varias bundas pra se perder
A boca é foda, muita droga pra se vender
Os home é foda, todos querem te prender
Escola nunca foi foda, por isso não quis aprender
15 anos tá querendo se envolver
15 ano, passa o pano, tá querendo se fuder
Mas seu pai catando lixo, porra, essa é de fuder
Boy passa a chave do carro, sem crise é o Cruiser
As mesmas cadeiras, mesmas bundas
Mesmas brincadeiras, as mesmas crianças
Diferentes cadeias, mesmos presos
Mesmo povo, mesma falta de esperança
Por enquanto a bala canta, Raps das Armas*

Esse trecho da letra revela o envolvimento com o crime precocemente, após o abandono da escola pela falta de esperança de mudança, o que evidencia como o

sistema educacional falha em reter esses jovens, enquanto os pais se esforçam para dar o sustento, os roubos aumentam, a realidade nunca muda, é sempre o mesmo povo sendo abatido e julgado. Além disso, o trecho também destaca as autoridades que se utilizam das comunidades como um meio para as vendas ilícitas, e a luta armada dessas comunidades contra tais algozes, que tentam exterminá-las trazendo a reflexão sobre como as armas, uma vez vistas como solução, se tornam instrumentos de autodestruição .

CONCLUSÃO

A partir de uma breve análise da letra de "Heresia", conclui-se que a música de Djonga se posiciona como uma expressão contundente e significativa dentro do contexto da literatura marginal e periférica, através de sua arte, o artista consegue traduzir a dor e a esperança de uma geração que cresce em contextos de vulnerabilidade, gerando uma identificação profunda com seus ouvintes.

Essa capacidade de traduzir experiências coletivas em letras acessíveis sublinha a importância da música como forma de literatura moderna, expandindo as fronteiras do que entendemos sobre o tema. Djonga, ao empregar elementos da cultura pop, transforma "Heresia" em um manifesto contemporâneo, ele não tem medo de confrontar diretamente a opressão e a injustiça, convocando seus ouvintes a refletirem sobre suas realidades e a se engajarem na luta por mudança. A música se torna, assim, não apenas uma crítica, mas também um convite à reflexão e à ação, essa abordagem é essencial para a literatura marginal, pois sustenta a ideia de que a arte deve servir como uma ferramenta de resistência e transformação social, independente de origem e dificuldades.

Por fim, ao analisar "Heresia", evidenciamos a relevância da música não apenas como entretenimento, mas como um veículo de mudança e de empoderamento. Djonga representa uma nova geração de artistas que, através de suas obras, desafiam estigmas e promovem a visibilidade das vozes periféricas, contribuindo de forma enriquecedora para a literatura marginal e periférica.

REFERÊNCIAS

DJONGA. **Heresia**. In: *Heresia*. Ceia ent.2017.Faixa 8.Spotify (2:47).

FERRÉZ. **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. São Paulo: Agir, 2015. 132 p.